

ANÁLISE SÓCIO-AMBIENTAL DE UM PESQUEIRO NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO/SP. Melissa Riani Costa, Maria Inez Pagani. – Inter-Áreas – Ecologia – Departamento de Ecologia – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro.

A prática de pesque-pague e pesqueiros surgiu no Brasil no início da década de 80, se concentrando em áreas próximas a conglomerados metropolitanos, nos espaços urbano-rurais. É considerada uma atividade turística que oferece impactos positivos como geração de novas ofertas de emprego, melhoria dos índices de qualidade ambiental e de vida, implantação de políticas e ações conservacionistas relativas ao patrimônio natural e cultural, e implementação do desenvolvimento local e regional, trazendo transformações benéficas ao meio ambiente e à sociedade. Porém, certas medidas como a aplicação de leis, licenciamentos, vistorias, monitoramentos e programas de educação ambiental são fundamentais ao se visar a prevenção, a correção e a mitigação de eventuais efeitos negativos causados pelos impactos ambientais e sociais das atividades turísticas (MORAES; GUIMARÃES, 2001).

O objetivo do presente trabalho foi analisar os aspectos sócio-ambientais de um pesqueiro do município de Rio Claro/SP, identificar aspectos nos quais sejam necessárias alterações para maior satisfação das pessoas envolvidas com a atividade e para minimização de possíveis impactos ambientais negativos, propondo medidas de manejo.

Para obtenção de informações sócio-econômicas-ambientais do proprietário, dos funcionários e dos visitantes do pesqueiro foram aplicados questionários com perguntas sobre o meio ambiente e a atividade pesqueira. Para o proprietário do pesqueiro foi aplicada uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas que se caracterizam por perguntas ou afirmações que levam o entrevistado a responder com frases ou orações, e assim a obtenção de maiores informações. Para os funcionários do pesqueiro foram aplicados questionários combinando perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas foram destinadas a obter informações sócio-demográficas e respostas de identificação de opiniões. As perguntas abertas tiveram como objetivo aprofundar as opiniões dos funcionários. Para os visitantes do pesqueiro foram aplicados questionários com perguntas fechadas, onde as perguntas ou afirmações apresentavam categorias ou alternativas de respostas fixas e preestabelecidas (RICHARDSON, 1999).

Como resultados principais obteve-se a informação de que parte da propriedade atual foi adquirida em 1985 e o restante foi comprado no ano de 1999. O pesqueiro iniciou sua atividade em 1998 e ficou com sua estrutura completa no ano de 2002. A renda do proprietário provém do pesqueiro, do restaurante e da criação de suínos e bovinos. Ele informou que a formação do lago do pesqueiro se dá apenas por escoamento de águas pluviais, não havendo contribuição de nenhuma nascente próxima, sendo que o sistema de encanamento por meio de bocas de lobo coleta a água da chuva nos bairros próximos e desembocam no lago do pesqueiro.

No período de chuva a área superficial do lago chega a cerca de 60.000 m². E sua profundidade, também em período de cheia, é de cerca de três metros, havendo pontos que apresentam menor profundidade. Não é necessário o uso de aeradores, nem mesmo de fertilizantes, produtos químicos e antibióticos, isso porque o lago apresenta um tamanho relativamente grande, sendo que as marolas naturais, a vegetação do entorno que trabalha como filtro e as espécies de peixes como a carpa-cabeçuda que filtram a água, ajudam na manutenção natural do lago sem a necessidade de grandes interferências.

O lago foi represado, o que possibilitou, segundo o proprietário, a ampliação da lâmina d'água para cerca de três vezes daquela anterior à barreira, alterando a paisagem e ecossistemas da área alagada. Verifica-se que eventualmente pode ocorrer o extravasamento de volume de água fazendo com que haja contribuição para o Córrego Cachoeirinha à jusante. Porém, junto a essa contribuição pode ocorrer o escape de peixes de espécies exóticas para a bacia natural, causando impacto ambiental negativo devido à competição e predação, podendo levar espécies nativas à extinção local. Ainda, o escape pode se dar através de ovos e de filhotes de peixes que passem pela barragem atingindo corpos d'água naturais e podendo se estabelecer e assim causar os mesmos danos de competição e predação. Também por meio do extravasamento de água para a bacia natural pode se dar a contaminação por doenças, acometendo espécies nativas. Da mesma forma, a água com excesso de nutrientes devido à

ração e fezes dos peixes, dos suínos, bovinos e eqüinos criados na propriedade podem atingir a bacia e provocar a eutrofização artificial em corpos d'água naturais.

O tamanho dos peixes é diverso, desde lambaris pequenos até carpas cabeçudas que podem chegar a pesar 60 quilos. As espécies de peixes que já se encontravam no lago e que são criadas no pesqueiro são: lambari, tilápia, traíra, pirambóia, tuvira, bagre da lagoa, cará e *catfish*. Já as espécies de peixes introduzidas no lago foram: camboja, cascudo, tambaqui, tambacu, pacu, piau, matrinhã, curimatã, carpa-cabeçuda e pintado.

A alimentação é feita com o uso de ração apropriada flutuante. A ração é lançada diariamente no lago, a favor do vento, e então a ração se distribui sobre a superfície do mesmo, possibilitando a alimentação.

Ainda, de acordo com o relato do empreendedor, o pesqueiro recebe uma média de 30 pessoas durante os dias úteis, chegando a cerca de 60 pessoas em feriados e fins de semana. Da mesma forma, o restaurante recebe em média 55 pessoas por dia durante a semana, chegando a 150 pessoas nos sábados, 250 em dias de feriado e 400 pessoas nos dias de domingo. O proprietário relatou que o número de visitantes está adequado, o que precisaria fazer é a melhoria da infra-estrutura oferecida a eles.

Existe um projeto de ampliação das instalações da propriedade com a construção de chalés para hospedagem, salão de jogos, quadras poliesportivas e pistas para a caminhada. Segundo o entrevistado, por trabalhar com investimentos próprios, o processo todo será lento, assim, só depois de completar a infra-estrutura será possível organizar programas para educação ambiental, por exemplo. Ele informou ainda que o abastecimento de água para o restaurante é realizado pelo DAAE (Departamento Autônomo de Água e Esgoto), já o sistema de esgoto é realizado por meio de fossas subterrâneas e caixas de gordura. O lixo produzido no pesqueiro é separado em recicláveis (lata, plástico, papelão) que são vendidos para a reciclagem e em lixo orgânico que é levado pelo caminhão de lixo da prefeitura.

Foram entrevistados também os sete funcionários da propriedade. As funções que os mesmos realizam são diversificadas, há duas cozinheiras, uma ajudante de cozinheira, uma ajudante geral, uma garçonete, uma balconista e um vigia noturno. Os trabalhadores se dividem em turnos.

A classe de idade que apresentou maior porcentagem de repostas foi de 30 a 39 anos idade, ficando com 42,86%. As classes de idade de 15 a 19 anos, de 25 a 29 anos, de 50 a 59 anos e de mais de 60 anos ficaram com 14,28 % cada.

85,71% dos funcionários são mulheres, enquanto apenas um funcionário é do sexo masculino. Quanto à renda de cada entrevistado, 57,14% responderam que a renda era abaixo de um salário mínimo, enquanto três funcionários disseram que a renda estava entre um e dois salários mínimos. A maioria dos funcionários tem o Ensino Fundamental (antigo 1º grau) incompleto.

Os funcionários moram atualmente próximo ao local de serviço em Ajapi, ou na cidade de Rio Claro, ou ainda no município de Araras. Muitos deles, apesar de morarem hoje na região, vieram de estados diferentes como a Bahia e o Paraná.

Também a maioria dos funcionários trabalha no local há pouco tempo, quatro deles há menos de um ano, outros dois estão na atividade há cerca de dois anos e apenas um está há quase quatro anos no serviço. Quando lhes foi perguntado se haviam recebido algum tipo de capacitação ou curso preparatório para a função exercida no emprego, todos responderam que não.

A grande maioria está satisfeita com o atual emprego e já haviam trabalhado em diversos lugares antes de se fixarem no pesqueiro. Também a quase totalidade respondeu que o emprego no pesqueiro é a única fonte de renda familiar.

Os funcionários afirmaram que poderia ser positivo o aumento do número de visitantes no pesqueiro, e a justificativa mais freqüente se refere que o aumento de visitação poderia gerar um acréscimo nos salários por eles recebidos. Também a grande maioria deles (71,43%) disse não haver nada que os visitantes fizessem que lhes incomodasse. A principal importância do pesqueiro citada pelos funcionários é de constituir uma oportunidade de emprego e fonte de renda.

Quanto à importância da qualidade da água do lago do pesqueiro, tornando nesse momento uma entrevista direcionada para o aspecto ambiental, a grande maioria (71,43%) considera que a qualidade da água do lago é importante para todos, para a população como um todo, sendo que apenas um respondeu ser importante para o meio ambiente e outro que seria importante para as pessoas que

vão até o pesqueiro. Também 71,43% dos funcionários consideram que a água do lago do pesqueiro não está poluída e 28,57% (dois funcionários) não souberam responder.

Disseram também que o lixo produzido no pesqueiro é separado em reciclável e não-reciclável e que o caminhão da prefeitura passa para fazer a coleta. 57,14% se sentem responsáveis pela limpeza e preservação do local, 28,57% não se sentem responsáveis e 14,28% não souberam responder.

Quatro funcionários (57,14%) consideram que os trabalhos em prol do meio ambiente são indispensáveis e três deles (42,86%) disseram não ter opinião formada sobre esse assunto.

Com esse panorama geral, pode-se concluir que há ainda pouca ligação dos funcionários com a atividade como ponto de turismo-rural de grande importância com relação a aspectos ambientais. Assim, para maior satisfação dos próprios trabalhadores e melhor capacitação desses, um programa de educação ambiental especialmente formulado para os funcionários, se mostra ser a alternativa mais viável e que poderá proporcionar resultados efetivos, se bem aplicado. Um ponto importante de ser destacado é a necessidade de capacitação para atendimento aos visitantes, buscando maior interação dos diferentes agentes e fornecendo base para que os funcionários se tornem capazes de disseminar aos visitantes informações básicas sobre o meio ambiente diretamente ligado a eles, como as espécies vegetais e animais que são encontradas na propriedade e a importância da atividade para conservação de valores ambientais e culturais. Também deve ser foco do programa, informações sobre o destino adequado do lixo produzido, a importância de reduzir a quantidade de lixo, de água utilizada, etc.

Também seria interessante aproveitar o local e o contato com o meio ambiente para promover atividades ao ar livre integrando funcionários e proprietário, uma vez que alguns dos funcionários disseram nunca terem nem mesmo se aproximado do lago de pesca.

Foram aplicados 50 questionários aos visitantes do pesqueiro, também pela própria pesquisadora. A análise dos dados obtidos permitiu o alcance de algumas informações descritas a seguir:

Dos 50 visitantes entrevistados, 26% está na classe de idade entre 40 a 49 anos. Em segundo lugar fica a classe de 50 a 59 anos (24%). 80% dos entrevistados eram do sexo masculino e 20% do sexo feminino. Quanto à renda individual a resposta mais freqüente (46%) foi de três a cinco salários mínimos.

Com 32% das respostas o grau de escolaridade mais comum foi o Ensino Fundamental incompleto. 22% responderam ter o Ensino Médio (antigo 2º grau) completo, 20% tinha o Ensino Fundamental completo, 12% o Ensino Médio incompleto, 8% o superior completo, 4% eram analfabeto e 2% tinha o mestrado concluído.

Para 80% dos visitantes questionados aquela não era a primeira visita ao pesqueiro. 30% não souberam responder qual é a freqüência com que eles vão ao pesqueiro, 24% disse realizar o turismo a cada quinze dias, e 22% chegam a ir semanalmente ao pesqueiro.

Quanto ao conhecimento do pesqueiro, 50% dos visitantes tomaram conhecimento do mesmo por meio da indicação de pessoas, sendo essa a maneira mais citada de divulgação da atividade. A grande maioria dos visitantes (86%) utiliza o carro particular como meio de transporte para chegar até a propriedade, e 98% deles voltam para suas casas no mesmo dia. 46% dos visitantes disseram que seu grupo no pesqueiro era constituído por familiares.

O tempo consumido pela visita varia, mas 38% passam de cinco a 10 horas no pesqueiro, 30% passam mais de 10 horas na atividade e outros 26% ficam de duas a cinco horas.

Os “ranchos” ou “abrigos” para proteção de sol e chuva no momento da pesca à beira do lago são uma das reclamações mais freqüentes dos visitantes que dizem que o material, as proporções e a inclinação fazem com que a proteção seja muito pequena e em apenas poucos períodos durante o dia. A presença de árvores compondo uma mata ciliar seria importante para o aumento do conforto na sensação térmica, além de possibilitar maior conservação do solo e da água e abrigar espécies de árvores, além de atrair a fauna por meio dos frutos das árvores.

Quando questionados sobre a importância da qualidade da água do lago do pesqueiro, 66% disseram ser importante para toda a população e 22% consideram ser importante para o meio ambiente. 90% dos entrevistados acham que a água do lago não está poluída, apenas 6% acham que está e 4% não souberam responder. 94% se sentem responsáveis pela limpeza e preservação do local, 2% não se sentem e 4% não souberam responder.

A quase totalidade (98%) respondeu que consideram os trabalhos em prol do meio ambiente indispensáveis. E a mesma porcentagem disse jogar o lixo produzido, em latas destinadas ao lixo convencional, que será separado para a reciclagem.

Foram analisados ainda, alguns aspectos do pesqueiro e a porcentagem de resposta que cada classificação recebeu (Tabela 1).

Tabela 1: Lista de alguns itens do pesqueiro do município de Rio Claro/SP que foram analisados pelos visitantes e a porcentagem de resposta que cada classificação recebeu.

Item	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não utilizou	Não respondeu
Acesso ao pesqueiro	26%	52%	20%	2%			
Banheiro	20%	50%	4%	4%		22%	
Segurança	22%	64%	4%	2%		4%	4%
Atendimento	32%	58%	8%			2%	
Qualidade dos materiais de pesca alugados	16%	12%	4%			68%	
Qualidade da comida do Restaurante	28%	44%	2%			26%	
Limpeza do pesque-pague	30%	60%	10%				
Higiene do Restaurante	24%	54%				22%	
Abrigos	14%	50%	18%	10%	2%	4%	2%
Arborização	12%	50%	20%	16%	2%		
Placas de informação	18%	72%	6%	2%			2%
Diversidade de peixes	18%	54%	4%	8%		12%	4%

Pelas informações analisadas, pode-se dizer que o perfil do visitante mais encontrado no pesqueiro é de pessoas de média a baixa renda, do sexo masculino que encontram nessa atividade o principal momento de lazer. O tempo que essas pessoas passam no pesqueiro chega a ser, muitas vezes, mais de 10 horas por dia, sendo importante garantir um bom atendimento e a segurança necessária. A Tabela 1 mostra que em geral os visitantes estão satisfeitos com o pesqueiro. A arborização foi um aspecto que recebeu particularmente uma classificação muitas vezes insatisfatória, sendo um ponto que deva receber prioridade para garantir maior conforto aos visitantes e ainda por meio da mata ciliar, que é também uma exigência do Código Florestal, possibilitar a proteção das águas, do solo e formar um corredor de fluxo gênico para manutenção da biodiversidade local.

Os visitantes também demonstraram interesse na conservação do meio ambiente. Um programa de educação ambiental destinado a eles seria importante para minimizar impactos ambientais negativos provocados pela atividade.

Referências Bibliográficas

MORAES, C. S. B.; GUIMARÃES, S. T. L., **Subsídios para a Implantação do Turismo Ambiental no Município de Charqueada/SP**. Revista *HOLOS Environment*, v.1, n.1, Rio Claro, SP - p. 28-38. 2001.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. S.; WANDERLEY, J. C. V.; CORREIA, L. M.; PERES, M. H. **M. Pesquisa Social - Métodos e Técnicas**. 3ª ed., Editora ATLAS S.A., São Paulo/SP, 1999.